

## SE03. 100 anos de Argonautas do Pacífico Ocidental: considerações sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano

**Coordenação:** Edilene Coffaci de Lima

### Sessão 1

**Participante(s):** Levi Marques Pereira (UFGD), Mariana Ciavatta Pantoja Franco (UFAC), Tomás Henrique de Azevedo Gomes Melo (INRua)

**Debatedor(a):** Edilene Coffaci de Lima (UFPR)

### Sessão 2

**Participante(s):** Edilene Coffaci de Lima (UFPR), Sonia Regina Lourenço (UFMT), Taisa Lewitzki (UFRN)

**Debatedor(a):** Levi Marques Pereira (UFGD)

### Resumo:

Argonautas do Pacífico Ocidental, consagrada como a obra que inaugurou a antropologia moderna, completa 100 anos. As lições de Bronislaw Malinowski, sobretudo suas recomendações para a boa realização do trabalho de campo, são apresentadas em sua célebre introdução, leitura obrigatória em cursos introdutórios, e ecoam ainda hoje. Lá o autor preconizava a necessidade imperativa de longas temporadas em campo, domínio da língua nativa e anotações cotidianas sistemáticas, a elaboração do famoso diário de campo, entre outros tantos protocolos. Sem que seja preciso dar atenção ao fato de que a publicação de seu diário pessoal, em 1967, pôs por terra essa imagem romântica do trabalhador de campo solitário e incansável, muito mudou nesse primeiro século que agora se celebra: seja porque o mundo foi descolonizado; seja porque, em algumas situações, os nativos, de quaisquer partes, passaram a duvidar de nossos compromissos, de nossa ética; seja porque, outras vezes, nativos e pesquisadores tornaram-se parceiros e/ou amigos e alinharam-se em busca de objetivos comuns (demarcação de terras, apoio à educação escolar, ao atendimento à saúde, elaboração de livros e de projetos com objetivos variados, denúncias de arbitrariedades cometidas por toda parte e tantas outras demandas tornaram-se corriqueiras). A implicação no campo guiou e guia ativismos antropológicos, além da própria etnografia, a partir da qual se estabeleceu. Pretende-se com esse Simpósio Especial justamente debater sobre as transformações do trabalho de campo, que se mantém prevacente na definição da identidade dos profissionais de nossa disciplina.

### O campo na floresta, o campo nos arquivos: aproximações

**Autoria:** Edilene Coffaci de Lima

Para além do fato óbvio de que a realização do trabalho de campo feito em meio às pessoas e em meio aos documentos (digitalizados ou não) têm diferenças absolutas, procuro explorar nessa comunicação, a partir da Etnologia Indígena, justamente a relatividade de tais diferenças, dado que, em qualquer das alternativas, estive bastante implicada com os povos estudados. Para tratar da primeira alternativa - o campo em meio às pessoas - recupero rapidamente minha experiência de campo, na virada do século passado, entre os Katukina (atuais Noke Kuin, povo de língua pano), localizados no Acre, e bastante impactados pela pavimentação da rodovia BR-364 durante meus estudos pós-graduados. Fato que acabou resultando na minha colaboração para que, naquele momento, medidas compensatórias fossem estabelecidas ao grupo em virtude dos danos socioambientais causados pela obra. Na segunda alternativa - o campo em meio aos arquivos (uma possibilidade não vislumbrada por B. Malinowski e outros antropólogos de seu tempo) - dedico-me a abordar minha pesquisa atual entre os inúmeros documentos, distribuídos entre diferentes museus em Curitiba (PR),

sobre o contato dos Xetá, no noroeste do Paraná, na metade do século passado - pesquisa que foi iniciada em virtude de um convite que recebi do Ministério Público Estadual do Paraná e que é resultado da minha colaboração na Comissão Estadual da Verdade - Teresa Urban. Portanto, em um contexto que se insere nos processos da chamada Justiça de Transição. A partir de ambas as alternativas, sem desconsiderar suas particularidades e profundas diferenças, busco refletir sobre como estive implicada nas pesquisas e como tais implicações não apenas "fazem parte", mas chegam a ponto de definir o alcance e mesmo a qualidade dos registros etnográficos.

## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

